



CONJUNTURA

Incentivos à esquerda (II)

O estágio atual da economia, como disciplina de trabalho, é comparável ao da medicina no fim do século passado. Nesta época, sabia-se, por exemplo, que provocar hemorragias para baixar a febre produzia mais mal do que bem. A economia, hoje, está longe de apresentar prescrições definitivas aos principais problemas que afligem a nossa sociedade, como a ocorrência simultânea de baixos salários e desemprego.

David Card e Alan Krueger realizaram uma série de pesquisas empíricas cujos resultados desafiaram a visão convencional de que reajustes do salário mínimo produzem queda de emprego. Tradicionalmente, a literatura americana sobre o fenômeno previa que para cada 10% de aumento conferido ao mínimo o nível de emprego entre os trabalhadores não qualificados cairia cerca de 1%. Card e Krueger inovaram ao aplicar métodos empíricos tomados emprestados das ciências médicas experimentais, incluindo comparações entre grupos de *tratamento* e de *controle* quando aumentos de salário mínimo são concedidos para alguns trabalhadores mas não para outros. Essa metodologia foi aplicada a situações em que o salário mínimo foi reajustado de forma diferenciada entre estados americanos. Nos *experimentos naturais* empreendidos, o salário mínimo impacta o rendimento do trabalho, mas não o nível de emprego da mão-de-obra não qualificada. Indiretamente, esses resultados questionam a validade no mercado de trabalho de uma das pedras angulares do pensamento econômico: a lei da oferta e demanda. De todas as formas, resultados empíricos, que surpreendem nós economistas, devem incentivar a busca do entendimento dos fenômenos subjacentes e não de curandeirismos.

Marcelo Côrtes Neri – Instituto Brasileiro de Economia/FGV